

## NOTAS SOBRE LIVROS/BOOKNOTES

■ BIBER, Douglas, Susan CONRAD & Geoffrey LEECH (2002) *Longman Student Grammar of Spoken and Written English*. Harlow, Essex, England: Pearson Education Limited. 463 p.

Este volume dá continuidade à área de Estudos sobre a Gramática da Língua Inglesa Contemporânea, com base nos princípios e procedimentos da Lingüística de Corpus.

Inspirado na pioneira *Longman Grammar of Spoken and Written English* (1999), esta notável contribuição descritivo-explicativo-pedagógica se destina a alunos com avançado nível de proficiência e também a professores ou formadores destes. Como ler uma obra de quase 500 páginas, em que encontramos mais de 3000 exemplos de usos autênticos do inglês, referentes a quatro variedades: conversacional, acadêmica, jornalística e ficcional? Após um processamento rápido, percebi que a organização da obra possibilita uma leitura seletiva inicial, preparatória para consultas mais minuciosas e demoradas.

LSGSWE contém um Prefácio, Notas sobre abreviaturas gramaticais, símbolos, convenções tipográficas, glossário e identificação de exemplos do Corpus, Lista de 12 “Grammar Bites” (sínteses antecipatórias e resumidoras), 13 capítulos, Lista de verbos irregulares, Glossário e Índice. Assim, decidi saborear os “Grammar bites” e ler os respectivos Grammar Bite Reviews. Após essa leitura e várias incursões aos bem escritos e esclarecedores capítulos da gramática, me perguntei: Como esta também gramática de referência poderá contribuir para o saber descritivo-explicativo de quem se ocupa da Lingüística Aplicada ao Ensino-Aprendizagem de Inglês? De várias maneiras, pois: 1) esclarece de que modo os componentes léxicos e gramaticais estão integrados; 2) compara usos inter-variedades (que variante ocorre ou se prefere no inglês conversacional, vis-a-vis o inglês jornalístico, por exemplo); 3) comenta a respeito da

desafiadora tarefa de apresentar informações sobre frequência de uso e opta por uma solução pedagógica; 4) prioriza a descrição/explicação mas, às vezes, considera casos de uso divergente, pois juízos de valor podem influir nas opções feitas pelos usuários; 5) assenta num extenso Corpus de 40 milhões de palavras, representativas das variedades britânica e americana do inglês; 6) oferece um glossário dos principais termos gramaticais usados pelos autores e 7) oferece aos alunos adiantados e a seus professores a possibilidade de se desafiarem também através de um Workbook, impresso separadamente, destinado a uso em classe ou para aprendizagem autônoma.

Qual a abrangência de LSGSWE? Alguns dos títulos dos capítulos dão uma idéia da variedade conteudística: Introduction – a discourse perspective on grammar; Words and Word classes; Variation in the verb phrase; Exploring the grammar of the clause; Adverbials; Word order choices; The grammar of conversation.

Terminologicamente, os autores seguem a tradição britânica de subdividirem as variedades em **registros** e **dialetos**, em vez de, mais parcimoniosamente usarem o substantivo **variedade** seguido de um adjetivo, por exemplo: **variedade** falada/escrita; conversacional/acadêmica/jornalística/ficcional; formal/ informal. No Glossário, senti falta de verbete para **register**, **variety** e **variant**. Fazer justiça a um livro de tanta relevância teórica e de imenso potencial aplicativo está além de uma Nota, por isso, concluo parabenizando os três autores (houve testagem do volume com alunos da Northern Arizona University) e a editora por esta significativa contribuição. Para usar uma locução inglesa que bem pode resumir a reação deste leitor: A MUST! Que a LSGSWE seja inspiradora de criações semelhantes em outras línguas.

Por/By: Francisco Gomes de MATOS  
(Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fcgm@cashnet.com.br)

■ BORBA, Francisco S. (2002) *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, xiv + 1674 p.

Uma das lições da Lingüística é a de que, a rigor, uma língua só é língua quando usada em contexto(s), por usuários diversos, nativos e não-nativos. A igualmente importante área da Lexicografia compartilha desse princípio e, segundo a natureza de sua criação, o público visado e o estado da arte-ciência lexicográfica, vem contribuindo para o desenvolvimento do que David Crystal em sua inspiradora *The Cambridge Encyclopedia of Language* (2ª. Edição, 1997) perceptivamente chama de **identidade contextual**. Embora a tradição de Dicionários de Uso(s) tenha surgido no século anterior em alguns países (Cf. M. Moliner, *Diccionario del uso del Español*, 2 vols., Madrid: Gredos, 1966), no Brasil ela tem início com a publicação deste volume, fruto de trabalho do incansável e produtivo Borba, auxiliado por uma equipe de cinco competentes colaboradores, dentre os quais Maria Helena de Moura Neves, autora de *Gramática de Usos do Português* (UNESP,2000).

Registre-se que o lingüista de Araraquara tem a seu crédito outro pioneirismo: o *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil* (São Paulo: UNESP,1990) e destaque-se que a Edição de texto do DUP foi confiada à versátil Maria Elizabeth Leuba Salum, nesta data doutoranda na USP.

*DUP* contém Nota do Editor, Apresentação (Objetivos, organização da nomenclatura, base gramatical, organização dos verbetes), especificidades e estrutura do dicionário, Abreviaturas, Corpus (1653 p), Siglas, Expressões latinas e Lista geral das siglas do corpus principal. Na Nota do Editor, somos informados de que se trata de – um dicionário da língua escrita no Brasil na segunda metade do século XX, com base num corpus de mais de 70 milhões de ocorrências de palavras em textos de literatura romanesca, dramática, técnica, oratória e jornalística, com absoluta predominância desta última. Por fim, um dado de interesse sociolingüístico: o dicionário faz anotação de registro de usos: coloquial, chulo, grosseiro, solene, etc. além dos regionalismos, sempre que possível (p. v).

Como oriento cursos de Português para nativos e não-nativos, resolvi testar a possível dupla utilidade do *DUP*. Assim, verifiquei como os usuários nativos poderiam beneficiar-se através da consulta a substantivos em **-dade** e encontrei a devida contextualização de vários itens lexicais, dentre os quais: afabilidade, comunicabilidade, desejabilidade, empregabilidade, interatividade, interculturalidade, intertextualidade, reversibilidade, tradutibilidade. Como usuários não-nativos precisam saber usar frases feitas com verbos de alta frequência (**dar, estar, fazer, pôr, ser, ter**), procurei exemplificação para expressões do tipo – dar pano para as mangas, estar numa boa, fazer uma vaquinha, pôr o carro adiante dos bois, era uma vez, ter graça (no sentido de ser engraçado) e as encontrei e muito mais.

Acostumado a trabalhar o contínuo da variação dos usos com o conceito-termo **informal**, não o encontrei na listagem das abreviaturas. Em seu lugar: **coloquial**. Em comunicação pessoal, sobre essa opção terminológica, Borba esclareceu: – Não há nenhuma razão especial por termos escolhido coloquial em vez de informal. Só nos pareceu que coloquial marca ou remete melhor à proximidade da fala do dia-a-dia. A consulta ao verbete – coloquialismo – no *DUP* revela: – estilo de linguagem informal (354), por isso, exercemos nosso direito de questionar a opção por – coloquial, pois o continuum de usos da língua falada/escrita pode ser descrito em termos de formalidade e informalidade, prática cada vez mais adotada na lexicografia atual. Assim, na orientação aos usuários sobre usos de – **a gente**, *DUP* esclarece que equivale ao pronome pessoal **nós** (766), mas não atribui àquela locução o valor sociolingüístico de informal.

Uma obra extensa e minuciosa como esta só pode ser apreciada através de seu uso efetivo e afetivo (cf. os verbetes **humanizar, humanizador, humanizável**, p.874), considerando-se o imenso esforço intelectual de seus criadores e o serviço inestimável que prestaram aos que usam o português nativamente e aos que estão a aprendê-la como segunda língua ou língua estrangeira. Professores e pesquisadores encontrarão no *DUP* muitos dados de interesse – desde a informatividade lexicogramatical (com razão os autores se referem a cada verbete como - uma minigramática do item lexical, p.vii) à escolha das fontes exemplificadoras do uso em contexto.

Dada a crescente importância da variedade jornalística de Português, a visibilidade dos usos lingüísticos em revistas e jornais fica bem mais saliente, graças a este oportuniíssimo dicionário. Quem trabalha na área da Lingüística certamente irá examinar os verbetes referentes a **língua, linguagem, lingüista, lingüística, sociolingüística, psicolingüística**.

Em suma, que os leitores façam bom emprego, ou mais atualizadamente, bom uso desta contribuição brasileira à educação em língua portuguesa.

Por/by: Francisco Gomes de MATOS  
(*Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: fcgm@botlink.com.br*)

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (2001) *Estudo da Língua Falada e Aula de Língua Materna. Uma abordagem processual da interação professor/alunos*. Campinas: Mercado de Letras.

O livro de Maria de Lourdes Meirelles apresenta um modelo para análise da aula de língua materna, considerada como um gênero discursivo típico do discurso didático. Essa obra tem dois objetivos. O primeiro é apresentar instrumentos de análise que venham a contribuir teórica e metodologicamente para a investigação didática da aula de língua materna, defendendo a integração do estudo das interações em sala de aula à formação inicial e/ou continuada do professor de língua materna. O segundo objetivo é mostrar que, mais do que mudar o conteúdo da língua materna, é necessário alterar as práticas de ensino/aprendizagem.

O livro é composto por sete capítulos, considerações finais, anexos 1, 2 e 3 e referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, “Os estudos sobre o ensino de português”, a autora apresenta um panorama dos estudos sobre o ensino da língua materna para demonstrar as vantagens e a necessidade de analisar a aula de língua materna como um gênero que caracteriza o discurso didático.

Em “As interações em língua materna: objeto de estudo e ensino”, segundo capítulo do livro, Matencio examina as relações entre a produção discursiva que constrói a língua materna como objeto de estudo e de ensino, partindo da discussão entre discurso científico, discurso de divulgação científica e discurso didático. Para abordar o funcionamento dos discursos, a autora baseia-se nas noções de gênero e em eventos de interação de texto, e encerra o capítulo relacionando os estudos da linguagem à prática em sala de aula e à formação de professores.

A seguir, no terceiro capítulo, “Por uma tipologia da interação em sala de aula”, a autora amplia a discussão sobre a constituição e a articulação de discursos relacionados à prática de ensino, formação de professores e ensino/aprendizagem de Português como língua materna, examina o modo de funcionamento dessa interação, relacionando a aula aos discursos estabele-

zados na e pela constituição educacional e define as características através das quais é possível classificá-la como um dos gêneros pelos quais se atualiza o discurso didático.

O objetivo de Matencio no quarto capítulo, “Unidades analíticas da aula”, é caracterizar funcional e estruturalmente as unidades constituintes de uma aula: interação, seqüência, intervenção e operação didático-discursiva. A autora também discute a necessidade de incorporar à análise as noções de etapas, atividades e tarefas didáticas, a fim de articular a dimensão discursiva à dimensão didática na descrição da aula e demonstrar seus esquemas de organização global.

No quinto capítulo, “Análise e representação tipológica das operações didático-discursivas”, Matencio amplia a discussão sobre a importância analítica das operações didático-discursivas, propõe sua representação tipológica e apresenta uma grade para análise quantitativa.

Em seguida, no sexto capítulo, “A construção do tópico na análise da aula”, ela estuda o processo de formulação através do fluxo informativo – que é de grande interesse para a pesquisa sobre a aula – e permite fazer hipóteses sobre o processo de aprendizagem.

Já no sétimo capítulo, “A formulação textual e o gerenciamento na aula”, a autora dedica-se à análise de atividades discursivas que funcionam como estratégias locais e gerenciamento da aula, sobretudo as estratégias que demonstram tentativas de ajustes na dimensão acadêmica da interação.

Por fim, o livro apresenta considerações finais; Anexo 1 – transcrição da etapa de desenvolvimento das aulas; Anexo 2 – Grade de microanálise; Anexo 3 – Tabelas resumidas da microanálise quantitativa; além de uma vasta referência bibliográfica a respeito do tema em questão.

Por/By: Elaine Cristine FERNANDES DA SILVA  
(LAEL/PUC-SP)

COX, M.I.P. & ASSIS-PETERSON, A.A. (org.) (2001) *Cenas de sala de aula*. Coleção Idéias sobre linguagem. Campinas: Mercado de Letras. 270 páginas.

*Como são as salas de aula como ambientes interacionais de aprendizagem e contextos para o discurso?*. Esta pergunta, proposta por Frederick Erickson no prefácio da obra, permeia os textos que dela fazem parte.

Os nove estudos qualitativos sobre a interação e o discurso em sala de aula presentes na coletânea tiveram origem em um curso sobre microetnografia ministrado pelo professor Erickson na Universidade Federal do Mato Grosso, exceção feita apenas a um dos trabalhos, desenvolvido em um distrito escolar da Filadélfia, EUA.

Cada um dos estudos procura abordar aspectos de eventos interacionais em diferentes cenas de sala de aula, fornecendo-nos, ao mesmo tempo, informações sobre a pesquisa qualitativa, abordando diferentes aspectos do ensino de língua materna e de língua estrangeira.

Os contextos nos quais os estudos foram desenvolvidos também são diversificados, não só em relação aos níveis escolares, mas também à natureza das interações: a reação do professor às falas iniciadas pelos alunos na pré-escola, padrões interacionais em sala de aula de língua materna, discurso e contexto na sala de aula de língua estrangeira, a construção de identidades sociais em eventos de letramento, entre outros.

Uma contribuição significativa para os estudos qualitativos de cunho etnográfico e microetnográfico em língua portuguesa.

Por/By: Orlando VIAN JR.  
(PUC-SP)

HORA, Dermeval & Juliene Lopes Ribeiro PEDROSA (orgs) (2001) *Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba*. (Vols I, II, III, IV e V). João Pessoa: Editora Idéia.

Os quatro volumes desta obra contém uma amostragem do português falado na Paraíba, retirado do Projeto com o mesmo nome ((VALPB), amostragem essa colhida através de entrevista de 60 informantes, dentro da metodologia variacionista da sociolingüística.

O Projeto VALPB surgiu em 1993 e seus dados encontram-se armazenados eletronicamente. A amostragem dos volumes está assim estratificada:

- 1) SEXO
 

Masculino	30 informantes
Feminino	30 informantes
  
- 2) FAIXA ETÁRIA
 

15 a 25 anos	20 informantes
26 a 49 anos	20 informantes
mais de 50 anos	20 informantes
  
- 3) ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO
 

Nenhum	12 informantes
1 a 4 anos	12 informantes
5 a 8 anos	12 informantes
9 a 11 anos	12 informantes
mais de 11 anos	12 informantes

Os cinco volumes publicados apresentam-se organizados conforme a variável anos de escolarização.

O Projeto pretendeu desenvolver, a partir do *corpus* coletado, o perfil lingüístico do falante da Paraíba, em seus aspectos fonológicos e gramaticais. O *corpus*, vem, porém, transcrito em escrita convencional, o que exige que o pesquisador ouça o material gravado.

Segundo os coordenadores, o Projeto já desenvolveu 20 dissertações de mestrado e duas teses de doutorado.

Por/By: Mary KATO  
(Unicamp)

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 2 ed. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002, 238 p. ISBN 85-249-0778-9

A publicação em português de *Análise de textos de comunicação*, de Dominique Maingueneau, já na sua segunda edição, inclui-se no movimento de expansão dos estudos enunciativos, que pode ser comprovado pelas publicações e trabalhos apresentados em eventos dedicados a estudos de base lingüístico-enunciativa, bem como pelas ementas de disciplinas de programas de pós-graduação em Letras e Lingüística.

O livro está organizado em 18 capítulos e pode-se observar uma divisão entre os que estão dedicados à apresentação de conceitos e noções-chave para os estudos discursivos e pragmáticos e aqueles voltados para categorias de análise produtivas para tal enfoque teórico.

A discussão inicial, referente aos capítulos de 1 a 8, define parâmetros que esclarecem a posição do autor frente às contribuições de propostas teóricas que se podem conjugar. Apresentam-se as noções de enunciado, discurso, texto e de leitor presumido, que prevê competências de natureza diferente. Dentre essas competências, o autor propõe uma que em geral não é apresentada pelos estudiosos da linguagem: a competência genérica, isto é, o conhecimento adquirido e armazenado desigualmente por cada um sobre os gêneros que uma certa sociedade desenvolve e valoriza. No capítulo seis, o autor expõe certos traços fundamentais para caracterizar a articulação entre o discurso e o seu suporte como dispositivo comunicacional, pois o modo de “transporte e recepção do enunciado” define a sua organização num certo gênero. O autor opta, então, por tratar de discursos que em geral circulam na mídia, em particular a escrita, nas aplicações que se seguem.

No segundo bloco, do capítulo 9 ao 18, são expostas várias categorias de análise construtoras do percurso da constituição dos discursos. A partir dessa apresentação tomamos contato com a proposta de articulação entre as noções de cena enunciativa, *ethos*, planos embreado e não embreado e as

de pessoa, de polifonia e de estruturação interna do discurso. As noções de polifonia e de estruturação interna do discurso merecem uma observação: a primeira é enfocada a partir de inúmeras marcas lingüísticas, que permitem reconhecer e analisar os sentidos que adquirem num determinado contexto, incluindo desde as formas clássicas de discurso direto e indireto, passando por formas híbridas, pela modalização autonímica (segundo as contribuições de Authier-Revuz), pelo provérbio, pela ironia, pelas marcas tipográficas; a segunda está voltada para os modos de apresentação do referente e para a construção das redes significativas das designações, apontando para os processos de coesão do texto.

Cabe, ainda, comentar o trabalho desenvolvido pelos responsáveis pela tradução da obra ao português. Os que atuam na área da tradução sabem das dificuldades que acompanham todos os passos dessa atividade, muito bem explicitada na “Apresentação” do livro, na qual se expõe a dificuldade particular com a que se deparam aqueles que aceitam o desafio de traduzir obras que contêm exercícios de aplicação a produções discursivas cujas redes de significação estão conectadas a outro contexto sócio-histórico. Sem dúvida, esse desafio foi ultrapassado pelas decisões dos tradutores, o que permitiu aos leitores brasileiros compreender não só os exemplos, como suas situações de produção.

Temos, portanto, disponível em português uma obra importante para os que desejam complementar sua bibliografia em Análise do Discurso, que se fundamenta em propostas enunciativas e se volta particularmente para estudos de produções discursivas do mundo midiático, mas que podem ser transplantados para análise de outros gêneros de discurso.

Por/by: Vera Lúcia de Albuquerque SANT’ANNA  
(IL/Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

■ MATOS, Francisco Gomes de. (2002) *Comunicar para o bem: rumo à paz comunicativa*. São Paulo: Editora Ave-Maria. ix + 117.

Esta é mais uma contribuição pioneira de Francisco Gomes de Matos para as áreas de Direitos Linguísticos e Linguística da Paz. Um dos pontos fortes desta obra é como o autor trabalha com conceitos da Linguística de forma clara e simples, contribuindo para que a leitura flua facilmente mesmo para aqueles que são iniciantes na área e fazendo, ao mesmo tempo, com que o leitor possa refletir sobre seu próprio desempenho comunicativo e sobre o saber conversar construtivamente e positivamente em sociedade.

Além da introdução, a obra compreende cinco seções. Na primeira, *Comunicação para o Bem*, o autor utiliza situações diversas – reuniões, conversas informais, argumentações – e as ilustra com uma série de princípios e estratégias de como encaminhar conversações humanizadoras, nas quais respeito, igualdade e bondade são as diretrizes.

Na segunda parte, *Direitos e Deveres*, são apontados os direitos e deveres dos participantes dentro de uma interação (a reunião é a escolhida, por ser esta, segundo o autor, uma das atividades mais importantes da nossa vida linguística). Indica-se princípios orientadores para o nosso desempenho comunicativo, ilustrados pela sala de aula, a escola, a educação, a cultura, a imprensa e a educação. Na finalização, há uma seção dedicada aos direitos dos idosos.

Na terceira parte, *Cidadania, Educação e Trabalho*, o autor discorre sobre ações pedagógicas e como humanizá-las, incluindo um olhar sobre o livro-didático e formas de avaliar positivamente redações. Fala também sobre linguagem e educação ambiental e finaliza com aspectos relativos à comunicação no trabalho, trazendo vários questionários auto-avaliativos para orientar o leitor a lidar com questões relativas à valorização e motivação das pessoas que pertencem a uma organização.

Na quarta parte, *Cristianismo e Paz*, é feito um paralelo bastante interessante entre a Bíblia e suas potencialidades de aplicação no estudo da

linguagem. É enfatizada, ilustrando-se, a importância de se usar um vocabulário valorizador do ser humano. Ainda nessa parte, o autor apresenta uma lista de diretrizes para solucionar conflitos interpessoais e intergrupais. O que há de interessante nessa lista, além das próprias indicações de como agir e comunicar-se para o bem, é o recurso mnemônico utilizado para auxiliar o leitor a incorporar essas diretrizes.

Na última parte, *Percepções Humanizadoras*, o autor discute formas de se trabalhar com alguns segmentos da sociedade que são vestidos de preconceito: doentes mentais, a polícia, a adolescência e aposentados.

O livro de Gomes de Matos é sem dúvida um exemplo singular de como entender e aplicar conceitos linguísticos de comunicar-se bem e para o bem e, muito mais importante, um guia primoroso de reflexão para aqueles que querem ver florescer os princípios de cidadania, igualdade, responsabilidade que compõem uma sociedade humanizadora contemporânea.

Por/By: Rosinda de Castro Guerra RAMOS  
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

PERINI, Mário A. (2002) *Modern Portuguese. A Reference Grammar*. (Yale Language Series ). New Haven & London: Yale University Press, xxiv + 621

A rigor, a um volume extenso deveria corresponder uma resenha extensa, mas, no caso desta contribuição do colega mineiro (agora partilhando seu saber/saber-fazer no contexto acadêmico americano), exerço meu direito lingüístico de resenhador, optando por uma Nota, por duas razões:

1 – Uma análise minuciosa é mais adequada para um Seminário com pós-graduandos, no qual os participantes sejam desafiados a descobrir / explicitar pontos fortes do livro e a identificar aspectos questionáveis, ambos devidamente fundamentados.

Nessa interação sugerida, poder-se-ia elaborar duas Checklists: “Como ler uma Gramática de Referência” e “Como avaliar a Gramática de Referência de Perini”. Através desse exercício coletivo, um grupo chegaria a descrever e a avaliar sistemática e aprofundadamente as referidas criações, à luz de critérios interdisciplinares, como venho propondo desde 1984 (Cf. de minha autoria e de Nelly Carvalho, *Como avaliar um livro didático – Língua Portuguesa*. São Paulo: Pioneira, 1984. Veja-se a Lista-Padrão Simples para Avaliação de Gramática Escolar, à página 29).

2 – Uma Nota constitui uma mini-resenha: texto mais rápido de elaborar – não necessariamente menos desafiador, cognitivamente, que uma Resenha - e, por isso, de publicação quase imediata, o que pode contribuir para divulgação da obra entre os interessados, desde professores atuais e futuros de Português como segunda língua a pesquisadores em Lingüística Aplicada à Elaboração de Gramáticas de Referência, Escolares (com exercícios nelas inseridas ou através de complementos do tipo Cadernos: cf. a inovadora *Longman Student Grammar of Spoken and Written English*, de Douglas E. Biber, Susan Conrad, Geoffrey Leech. London: Pearson Education, 2002, enriquecida de um Workbook.)

Para maior processabilidade, esta Nota reflete uma Mini-Checklist centrada em seis categorias: 1. Autoria 2. Objetivos 3. Menção à Lingüística 4. Organização (conteúdos) 5. Abordagem e 6. Contribuições da obra

e questionamentos sobre a mesma. Cada item é apresentado de forma mais que concisa, isto é, breve. Caberá aos leitores construir suas próprias Resenhas, à luz de seus sistemas de crenças e valores.

### 1 – Autoria

Perini vem contribuindo significativamente aos Estudos Lingüísticos no Brasil, através de sua docência e de suas pesquisas: na UFMG, da qual se aposentou e em universidades americanas (Texas-Austin, Illinois-Champaign-Urbana, e atualmente, Mississipi-Oxford). Autor de vários livros importantes, dentre os quais *Gramática Descritiva do Português* (São Paulo: Ática, 1995).

Às suas contribuições de natureza descritiva, acrescentam-se, agora, trabalhos de natureza eclética (descritivo-pedagógica, como é o caso desta Gramática de Referência de Português Moderno, para traduzir o título original) e um Manual de Pronúncia do Português do Brasil para falantes de inglês (em preparo). Destaque-se a versatilidade de Perini: produz, tanto em Lingüística Descritiva quanto em Lingüística Aplicada, com foco na variedade brasileira de português.

### 2 – Objetivos.

No Prefácio (Foreword), o autor reitera sua intenção primordialmente descritiva. Assim, a palavra “description” ocorre 7 vezes. Esclarece que objetiva ‘apresentar uma descrição minuciosa do português atual, como falado escrito no Brasil’ (trad. minha, p.xxi). Destina seu livro (edição capa dura, com ensolarado design na capa) principalmente a falantes de inglês aprendizes de português nos níveis intermediário e adiantado.

### 3 – Menção à Lingüística

No Prefácio, Perini alude ao progresso da ciência da linguagem, nas últimas décadas (xxi) e comenta que, apesar dos avanços na investigação lingüística, ainda há muitas áreas quase inexploradas (p.xxiii).

### 4 – Organização (conteúdos)

A um elucidativo Foreword (4 p.), seguem-se Abbreviations, 42 capítulos, contidos em 9 Partes: I- Preliminaries, II – Pronunciation and Spelling, III – Inflection, IV – Meaning and Use of Verb Forms, V – The Noun Phrase, VI – The Sentence, VII – The Discourse, VIII – Word Formation, IX – Final Notes. Enriquecem o volume 4 Appendixes (Regu-

lar Verbs, Irregular and Anomalous Verbs, Contractions, days of the Week, Times of the Day, Dates), References (4 páginas: fontes em português, inglês, italiano, espanhol, alemão e catalão) e Index of Grammatical Subjects (13 p.)

### 5 – Abordagem

Embora Perini explicita sua intenção como sendo descritiva, o volume é metodologicamente eclético, pois há muitas ocorrências de comentários pedagógicos (conselhos e dicas aos usuários sobre reações e valores atribuídos a variantes de uso do português), além de explicações de natureza contrastiva (casos em que o português e o inglês divergem). Numa análise mais aprofundada, valeria a pena ver os usos Perinianos de “rule” (regra) e de comparar suas descrições/interpretações com as de outros autores de material didático para ensino de português a usuários de outras línguas.

### 6 – Contribuições da obra e questionamentos sobre a mesma

Minha lista de aspectos positivos, louváveis seria extensa, por isso, destaco: o empenho em incluir estruturas e usos do português falado informal que até então não tinham sido abordados em obras semelhantes (para usuários nativos ou não-nativos) – veja-se o sugestivo capítulo Trends in the language (abrange pronúncia, sintaxe e léxico); saliento, também, a corajosa parcimônia descritiva do autor ao preferir rotular usos no português falado e escrito, através das marcas “SpBr (spoken Brazilian) e Wr (written language); a elevada processabilidade visual de inúmeras generalizações, através de quadros e, às vezes, de tabelas; a explicitude com que Perini partilha com os leitores, reflexões sobre o português, como se estivesse quase conversando com essas pessoas – a abundância de Notes reflete o didatismo do autor e sua busca de relevância aplicativa. Louvo, também, o reconhecimento periniano da influência de Earl Thomas, autor de *The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese* (Vanderbilt University Press, 1969). Finalmente, como atuo na Lingüística da Paz, aplaudo o exemplo que Perini oferece, ao tratar da sonorização da consoante (s) na palavra PAZ no enunciado “Paz na terra” ( p.15)

O que questionar? Vou me limitar a dois questionamentos: a comparação entre as duas línguas ora se dá do Português ao Inglês, ora inversamente: assim, não há consistência nesse procedimento contrastivo.

Dado o objetivo da gramática: prover informações sobre o Português para usuários de inglês, a direcionalidade explicativa deveria priorizar o português. Teríamos então: em Português, ocorre X, em Inglês (ou, oca-

sionalmente, espanhol), ocorre Y. Até que ponto tomar-se sempre o português como ponto de partida poderá influir na aprendizagem constitui um desafio à espera de psicolinguistas aplicados.

Meu segundo questionamento é motivado por razões sociolingüísticas: para dar conta de imensa variação – variabilidade ... – nos usos do português, Perini, embora querendo privilegiar as duas marcas supracitadas (Português falado no Brasil e Português escrito), faz uso de inúmeros rótulos, dentre os quais (em inglês): careful, casual, colloquial, correct, current, educated, formal, informal, modern, substandard, unguarded, uncultured.

Esse fato – desafio descritivo-explicativo imenso para quem se propõe a elaborar gramáticas de referência e escolares – deveria merecer atenção mais sistemática na área de Lingüística Aplicada ao Ensino-Aprendizagem de Línguas. Até que ponto é realista ser descritivamente parcimonioso, na rotulação das variantes de uso? Que conceitos-termo-chave poderiam embasar essa dimensão descritiva e, por que não dizer, também prescritiva? Como escolhê-los, se considerarmos as tradições vigentes e as abordagens emergentes (cf. a influência da Lingüística de Corpus, especificamente do conceito de “frequência de uso”, na supracitada gramática de Biber et al)?

Muito mais poderia ser dito sobre o livrão de Perini – grande em seus objetivos e na contribuição que presta à Tradição (agora também brasileira) de Gramáticas de Português para Usuários de Outras Línguas. Se os problemas – desafios – que ele decidiu enfrentar são igualmente grandes, também de magnitude é a missão dos que podem – e devem – contribuir para um ensino de Português que ajude os alunos (e seus professores...) a desenvolverem sua competência lingüística de maneira esclarecida e confiante. Parabenizo Perini e sua prestigiosa Editora de Yale, universidade cujo Programa de Língua Portuguesa, há 31 anos, apoiou um livro didático com o mesmo título – *Modern Portuguese – A Project of the Modern Language Association of América*, publicado pela Editora Knopf, New York, 1971 e do qual Fred Ellison, Rachel de Queiroz e este (quase) resenhador são co-autores.

Que o pioneirismo de Perini – primeira gramática abrangente do português, publicada em inglês e primeira, no gênero, a priorizar a língua falada – tenha continuadores, para que a estrutura e os usos do Português sejam descritos/explicados no maior número possível de línguas.

Por/By: Francisco Gomes de MATOS  
(Universidade Federal de Pernambuco, Recife. E-mail: fegm@cashnet.com.br)